

FAKE NEWS X AGÊNCIA LUPA: A COBERTURA DA PANDEMIA DE COVID-19 A PARTIR DO TERCEIRO PRONUNCIAMENTO DE JAIR BOLSONARO¹

PICUSSA, Ellen Ehlke²
ARAÚJO, Alcemar Dionet de³

RESUMO: Este artigo busca analisar o discurso presente no terceiro pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro durante a pandemia da Covid-19, relacionando-o a dez fake news desmentidas pela Agência Lupa, a primeira agência de fact-checking do Brasil. O corpus da pesquisa é composto pelo pronunciamento na íntegra e dez fake news selecionadas do site da Agência Lupa, a partir de palavras-chave relacionadas à pandemia e ao pronunciamento. A pesquisa é de caráter interpretativo e qualitativo, tendo como base a Análise de Discurso de orientação francesa fundamentada no filósofo Michel Pêcheux. Por meio da análise, pudemos perceber a relação entre o discurso do pronunciamento do presidente da República e as fake news desmentidas pela Agência Lupa durante os dez meses seguintes, o que mostra a relevância do trabalho de checagem de fatos executado pela plataforma e permite perceber a ideologia de Bolsonaro que estava presente em fake news, desmerecendo a ciência e a imprensa, em benefício do capital e dos seus financiadores de campanha.

PALAVRAS-CHAVE: *Lupa, fact-checking, fake news, Jair Bolsonaro, pandemia.*

1 INTRODUÇÃO

A Covid-19⁴, doença causadora da última pandemia⁵ global, teve seu primeiro caso registrado no dia 31 de dezembro de 2019 em Wuhan, na República Popular da China. Até então desconhecida, a doença causada pelo novo Coronavírus⁶ não levou muito tempo para ser considerada uma pandemia, que foi decretada em 11 de março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Um mês após a primeira infecção pela doença, a Covid-19 já havia atingido 129 países e, no dia 26 de fevereiro de 2020. O Brasil teve o primeiro caso confirmado da doença. A primeira morte por Covid-19 no país foi registrada em 12 de março do

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Comunicação Social – Jornalismo, do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz (FAG), no ano de 2022.

² Discente do 8º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo, do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz (FAG). E-mail: eepicussa@minha.fag.edu.br.

³ Professor orientador da pesquisa. E-mail: alcemaraaraujo@fag.edu.br.

⁴ Doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 que tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 20 ago. 2022.

⁵ Disseminação mundial de uma doença.

⁶ Sete coronavírus já foram identificados, sendo o novo coronavírus o último reconhecido pela ciência. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 20 ago. 2022.

mesmo ano. Com o alastramento da doença, as autoridades de saúde passaram uma série de orientações para a população no mundo inteiro, visando à proteção e à manutenção da vida. A rotina das pessoas no mundo inteiro passou a incluir o uso obrigatório de máscaras, a utilização de álcool em gel 70% para higienização das mãos e objetos pessoais, além de distanciamento social e de isolamento social.

Levando os casos alarmantes de infectados em consideração, o trabalho dos jornalistas cresceu de forma proporcional à progressão da Covid-19. Quanto mais pessoas infectadas, mortes, descobertas científicas e decretos, entre outros dados, mais os profissionais precisavam trabalhar para informar a população. Os dados bem estatisticamente apurados e explicados se tornaram, mais do que usualmente, uma ferramenta de manutenção da vida.

Dessa forma, os jornalistas enfrentaram duas pandemias simultaneamente: a da Covid-19 e a das *fake news*⁷. Além de trabalhar com a apuração das informações, de forma a disponibilizá-las da forma mais rápida e responsável possível, tornou-se necessário checar informações depois de publicadas, ou seja, a atuação do jornalista passou a ser informar e combater a desinformação, por meio do *fact-checking*⁸; tudo isso em um curto espaço de tempo.

Nesse cenário, a Agência Lupa⁹ teve um papel significativo. Com relação aos anos anteriores, 2020 foi o ano em que a Lupa mais desmentiu informações falsas. A pandemia exigiu um trabalho mais aprofundado por parte da agência, que utilizou diversas plataformas para combater a desinformação relacionada a essa pauta.

As informações falsas referidas, entretanto, são geradas nos mais diversos lugares e contextos. No mês de março de 2020, o presidente da República do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, efetuou três pronunciamentos¹⁰ referentes à pandemia. O primeiro pronunciamento, ocorrido no dia 6 de março, tinha um tom tranquilizador. Nele, o presidente afirmou que não havia motivo para pânico e convidou os profissionais de saúde a trabalhar em conjunto com o governo a fim de superar a

⁷ Informações falsas transmitidas como notícias, principalmente, de forma on-line. Possuem grande alcance, porque qualquer indivíduo pode criar uma *fake news* e/ou propagá-la.

⁸ Conforme a tradução direta indica: checagem de fatos.

⁹ Caracterizando-se como um *hub* de soluções de combate à desinformação, é a primeira agência de *fact-checking* do Brasil; tendo sido fundada em 2015, ela é membro verificado da *International Fact-Checking Network* (IFCN), que reúne checadores de fato de todo o mundo para combater a desinformação. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/institucional>. Acesso em: 20 ago. 2022.

¹⁰ Ato ou efeito de pronunciar ou de se pronunciar. É também uma forma de revolta. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/pronunciamento>. Acesso em: 20 ago. 2022.

situação. Na data do pronunciamento, o país possuía 13 casos confirmados da doença. Em seu segundo pronunciamento, no dia 12 de março, Bolsonaro falou sobre as manifestações de 15 de março, encorajando os participantes a repensarem a manifestação, apesar de ela ser “legítima” e “espontânea”; o político participou das manifestações, que ocorreram normalmente. O terceiro pronunciamento, analisado neste estudo, foi realizado no dia 24 de março e possui um tom diferente dos anteriores. Nele, Jair Bolsonaro afirmou que grande parte da imprensa estava agindo na contramão das medidas do governo e causando pânico na população; para ele, o Brasil precisava “voltar à normalidade”; ele comparou, ainda, o vírus a uma “gripezinha ou resfriadinho”.

Pretendemos estabelecer o terceiro pronunciamento como um Acontecimento Jornalístico. Dela-Silva (2009, p.2-3) pensa o Acontecimento Jornalístico como fato isolado entre tudo o que ocorreu em um período, que ocupa as publicações jornalísticas por ser de interesse público: “Um acontecimento enquanto um fato que se inscreve na história do dia a dia, que o jornal e os jornalistas se propõem a escrever”. Por conta de o terceiro pronunciamento ir contra as práticas médicas e decretos e até mesmo contra o primeiro, o discurso polêmico e a brusca mudança do discurso tornaram esse pronunciamento um Acontecimento Jornalístico.

Nesse contexto, analisaremos a atuação da Agência Lupa no combate à desinformação a partir do terceiro pronunciamento de Bolsonaro durante a pandemia da Covid-19, de forma a discutir o impacto da fala do presidente no surgimento de *fake news* e na checagem de fatos. Para tanto, utilizaremos a Análise de Discurso da escola francesa, instituída por Michel Pêcheux.

O *corpus* deste trabalho é o terceiro pronunciamento oficial de Jair Bolsonaro durante a pandemia, ocorrido em 24 de março de 2020, mas também seus discursos não-oficiais e nos materiais disponibilizados no *site* da Agência Lupa no período de março a dezembro de 2020. Para isso, foram catalogadas 639 publicações da Agência Lupa ao longo de 10 meses (março a dezembro de 2020), a partir das palavras-chave ‘gripezinha’, ‘pandemia’, ‘Jair Bolsonaro’, ‘Covid-19’, ‘cloroquina’ e ‘vacina’. Destas, foram selecionadas dez, uma de cada mês, para compor os dados da pesquisa. Com o estudo, serão analisados os discursos de Bolsonaro sobre a Covid, relacionando-os às *fake news* desmentidas pela Lupa, buscando a relação de sentido estabelecida entre eles e discutindo a relevância social da agência mencionada.

2 ANÁLISE DE DISCURSO: BREVE PERCURSO

O estudo da linguagem e dos discursos possui diversas facetas, sendo uma delas a Análise de Discurso de orientação francesa (doravante, AD). A teoria, que foi concebida na França, no final da década de 60, pelo filósofo Michel Pêcheux, produz suas reflexões sobre as formas como a linguagem materializa a ideologia e como a ideologia se manifesta na língua (ORLANDI, 2009, p. 16). Neste sentido, entende-se que a AD coloca em questão os sentidos gerados a partir de determinado discurso, submetido a determinadas condições de produção.

Ao teorizar a AD, Pêcheux transitou por diversos campos de conhecimento, deslocando na teoria conceitos que colaboraram para a compreensão e discussões acerca do discurso, especialmente, nas áreas da Psicanálise, por meio da qual se aproximou das teorias de Lacan (1998) e de Freud (1915/2006), da Linguística e da História, conforme explica Reis (2019, p. 260-261).

A discussão sobre o que trata o discurso é ampla. De acordo com Brandão (p. 2-3), o discurso está diretamente relacionado à linguagem e se refere a uma atividade ideológica entre locutores. Cada um deles carrega valores, crenças e concepções, pertence a um local, a uma comunidade e a um grupo de pessoas, o que impacta o sentido que produzem, uma vez que a ideologia está sempre presente no discurso, que, como defende Orlandi (1999, p.15), carrega a ideia de movimento e é o lugar onde é possível observar a relação entre a língua e a ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos (ORLANDI, 1999, p. 17).

Neste emaranhado, está inserido o sujeito. Conforme explica a autora,

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), **não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em ideologia pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.** (ORLANDI, 1999, p.17 – negritos nossos).

O sujeito, ao reproduzir um enunciado, submete, sem que o saiba, o seu discurso à ideologia que o assujeita. Dessa forma, Orlandi (1999, p.47) reitera que a ideologia é uma relação necessária entre a linguagem e o mundo. Apresentaremos, a seguir, a relação entre a Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise na AD, inserindo o sujeito e o discurso nesses processos.

2.1 Linguística, Materialismo Histórico e Psicanálise

Pêcheux, consoante os estudos que desenvolveu sobre o discurso, propôs-se a sustentar a AD em três pilares: a Linguística, o Materialismo Histórico e a Teoria do Discurso. No caso da Linguística, o autor se distanciou da linha saussuriana, mudando o recorte de língua/fala para língua/discurso e alterando a relação de oposição para contradição (FERREIRA, 2010, p. 3).

A partir disso, a língua para a AD não é a mesma língua da Linguística, pois trabalha com noções diferentes de estrutura. Orlandi (1999, p.19) defende a Linguística, a partir do deslocamento de Pêcheux, passou a ser vista relativamente à não-transparência da linguagem: “ela tem seu objeto próprio, a língua, e esta tem sua ordem própria”, mas, no discurso, ela está submetida à ideologia.

Já o Materialismo Histórico, pensado a partir das reflexões de Althusser, foi movido a partir da defesa de que a história é um fator determinante no discurso, seja na constituição da ideologia ou na forma como os indivíduos a expressam, além do que a história, neste caso, não é transparente. Aqui, a história participa ativamente da construção de sentidos. Dessa forma, o materialismo histórico atua na mediação entre a linguagem e a ideologia (FERREIRA, 2010, p.4):

Há um real da história, de tal forma, que o homem faz história, mas esta também não lhe é transparente. **Daí, conjugando a língua com a história na produção de sentidos, esses estudos do discurso trabalham o que vai-se chamar a forma material (não abstrata como a da Linguística) que é a forma encarnada na história para produzir sentidos: esta forma é portanto linguístico-histórica.** (ORLANDI, 1999, p. 19 – negritos nossos).

É a partir do Materialismo Histórico, que acaba por entender a língua como um acontecimento, que surge a noção de sujeito na AD, por meio de estudos do campo da Psicanálise sobre a constituição da subjetividade socialmente determinada.

2.2 O Sujeito e a Concepção de Sentido

No encontro da Linguística com o Materialismo Histórico, ou seja, na Teoria do Discurso, o sujeito se torna um ponto de entremeio, em que o inconsciente, a ideologia e a subjetividade refletem sobre a linguagem, como em um nó borromeano, de acordo com Ferreira (2010, p.12).

O sujeito estaria assim sendo afetado, simultaneamente, por essas três ordens e deixando em cada uma delas um furo, como é próprio da estrutura de um ser-em-falta: o furo da linguagem, representado pelo equívoco; o furo da ideologia, expresso pela contradição, e o furo do inconsciente, trabalhado na psicanálise. Daí decorre o fato de a incompletude ser tão marcante para todo o quadro teórico do discurso e contaminar, de certa forma, os principais conceitos que o compõem. (FERREIRA, 2010, p. 5 – negritos nossos).

Os sentidos, a partir do discurso proferido por um sujeito, não surgem nele e, por isso, o sujeito não pode ser considerado a fonte e a origem do dizer (DEZERTO, 2010, p. 5). Quando o sujeito profere um discurso, “escolhe” uma forma em detrimento de outra. Conforme postula Pêcheux (2014), “eu digo aquilo que um outro pode pensar, na medida em que aquilo que eu digo não está fora do campo daquilo que eu estou determinado a não dizer” (PÊCHEUX, 2014, p.161).

O autor designa esse esquecimento - das outras formas como o sujeito poderia enunciar - como esquecimento número dois. Esse esquecimento faz com que o autor do enunciado acredite que só poderia fazê-lo dessa forma e não de outras.

A partir disso, Pêcheux fundamentou, também, o esquecimento número um, chamado de esquecimento ideológico, que se baseia nas relações entre o sujeito e a ideologia: “por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existentes” (ORLANDI, 2009, p.35). Esses esquecimentos, entretanto, não são negativos, mas necessários “para que a linguagem funcione nos sujeitos e na produção de sentidos” (ORLANDI, 2009, p.36).

Já observamos que o sujeito se constitui pelo esquecimento daquilo que o determina. Podemos agora precisar que **a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso [...] que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito.** (PÊCHEUX, 2014, p.163 – negritos nossos).

É por isso que a relação entre as ideologias e os indivíduos criam um sujeito com traços inconscientes. Ou seja, ao analisar o discurso, devemos levar em conta quem está falando, o lugar de onde está falando e para quem o sujeito está falando, pois isso tudo afeta o sentido do enunciado.

2.3 Formação Ideológica, Formação Discursiva e Interdiscurso

Levando em consideração que os sentidos são singulares e condicionados, na AD, com a inspiração de Foucault, surge o conceito de Formação Discursiva. Pêcheux (2014) entende a Formação Discursiva como a fonte modificadora da produção de sentidos, que determina o que pode e deve ser dito.

O autor postula que as palavras, expressões e proposições adquirem sentido em relação à Formação Ideológica na qual estão inseridas. Assim, as Formações Discursivas não existem “em si”, mas ocupam um lugar nas formações ideológicas.

Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido na formação discursiva na qual são produzidas; retomando os termos que introduzimos acima e aplicando-os ao ponto específico da materialidade do discurso e do sentido, diremos que os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos do *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhe são correspondentes. (PÊCHEUX, 2014, p.160-161).

Assim, entende-se que uma mesma palavra pode possuir vários sentidos, que serão determinados a partir de uma formação discursiva, já que elas não possuem um sentido próprio: “seu sentido se constitui em cada formação discursiva, na relação que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões e proposições da mesma formação discursiva” (PÊCHEUX, 2014, p. 161).

Por outro lado, admite-se que palavras, expressões e proposições diferentes podem exprimir o mesmo sentido. O fator determinante são as formações discursivas. Os sentidos ressurgem toda vez que um sujeito diz, mas ele o faz utilizando palavras já existentes: “é nesse jogo entre paráfrase¹¹ e polissemia¹², entre o mesmo e o diferente, entre o já dito e o a se dizer que os sujeitos e sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam” (ORLANDI, 2009, p.36).

Pêcheux (2014, p. 162) sustenta, ainda, que as formações discursivas ocultam sua dependência com respeito ao “todo complexo dominante” das formações discursivas, o qual ele denomina interdiscurso. Orlandi, por sua vez, relaciona o interdiscurso ao conceito de memória:

Um exemplo interessante é o que diz respeito aos sentidos de ‘colonização’ e seus efeitos em nós, entre a repartição e a diferença. **Esses sentidos se constituíram ao longo de uma história a que já não temos acesso e que ‘falam’ em nós. Isto é a memória, o interdiscurso.** (ORLANDI, 1990, *apud* ORLANDI, 2009, p. 38 – negritos nossos).

¹¹ De acordo com Orlandi (2009, p. 36), “os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória”.

¹² Multiplicidade de sentidos de uma palavra ou locução.

Essas condições de produção do discurso ocorrem a partir da relação de sentidos, que estabelece que não existe nenhum discurso que não se relacione com outros. Como explica Orlandi (2009, p. 38), “todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis”.

Dezerto (2010, p.6), por sua vez, postula que o interdiscurso é a base para o surgimento do sentido:

O interdiscurso, então, funciona como base de fornecimento e sustentação dos sentidos que parecem brotar do sujeito. É ele que disponibiliza (ou interdita ou projeta para possíveis formulações) sentidos para o sujeito que se julga uno e fonte do que enuncia. a tomada de palavra pelo sujeito ganha sentido porque o que é dito se insere numa formação discursiva. Esta última se constitui como um espaço (não empírico, mas discursivo) onde os enunciados ganham sentido. A formação discursiva, como lugar da interpelação ideológica do sujeito, configura uma matriz de sentido. Falar em mudança de matriz semântica significa também mudança de formação discursiva. (DEZERTO, 2010, p. 6 – negritos nossos).

O sujeito, de modo inconsciente, possui a capacidade de se colocar no lugar de quem receberá seu discurso, antecipando-se quanto ao sentido que suas palavras produzirão. Dessa forma, o interlocutor se expressará de forma a produzir o sentido desejado no ouvinte (ORLANDI, 2009), sem que o saiba por que produz aquele sentido e não outro, que vem pré-determinado.

A partir desse princípio, estabelece-se a relação de forças que explica que “o lugar do qual o sujeito fala é constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, 2009, p. 39). A autora sustenta, ainda, que essas relações de forças se baseiam nas chamadas formações imaginárias já estabelecidas socialmente.

Assim, não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas - os lugares dos sujeitos - para as posições do sujeito no discurso. (ORLANDI, 2009, p.40 – negritos nossos).

Segundo a autora, as condições de produção levam três fatores em consideração: o que é material, o que é institucional e o mecanismo imaginário (ORLANDI, 2009, p.40), sendo esse mecanismo o responsável por produzir imagens dos sujeitos, bem como dos objetos do discurso, em uma conjuntura sócio-histórica.

Dessa forma, há três imagens que devem ser pensadas:

Da **posição sujeito locutor** (quem sou eu para lhe falar assim?) mas também da **posição sujeito interlocutor** (quem é ele para me falar assim, ou para que eu lhe fale assim?), e também a do **objeto do discurso** (do que estou lhe falando, do que ele me fala?). (ORLANDI, 2009, p.40 – negritos nossos).

Orlandi (2009, p.42) explica, então, que o sentido é determinado a partir das posições ideológicas inseridas no contexto sócio-histórico em que o discurso é produzido: “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam”. São as formações discursivas que permitem ao analista do discurso o entendimento da produção de sentido, relacionando-a à ideologia e estabelecendo a regularidade no funcionamento do discurso.

2.4 O Processo de Análise

Além da noção de formação discursiva, o analista deve compreender o conceito de sequências discursivas (doravante, SD), que é outro componente da AD. As SDs são recortes do material que analisado. Levando isso em consideração, Brandão (2006, p.52) traz o conceito de sequência discursiva:

Dessa forma, **toda sequência discursiva deve ser analisada em um processo discursivo de reprodução/transformação dos enunciados no interior de uma FD dada**: daí porque o estudo do intradiscorso de toda sequência manifesta deve estar associado ao do interdiscorso da FD. (BRANDÃO, 2006, p.52 – negritos nossos).

Courtine (2016, p.20) explica que o processo de analisar, de fato, o discurso, tem início na escolha das SDs como ponto de referência, a partir de onde o corpus da pesquisa será organizado para análise.

A noção de condições de produção do discurso regula, em AD, a relação entre a materialidade linguística de uma sequência discursiva e as condições históricas que determinam sua produção; ela funda, assim, os procedimentos de constituição de corpus discursivos. (COURTINE, 2016, p.20 – negritos nossos).

É preciso ressaltar que as SDs podem ser um ou vários recortes, a depender dos textos que serão analisados. Sargentini (2020, p.435) traduz que as SDs são retiradas por extração ou isolamento do campo discursivo.

Orlandi (2009) explica que um dos primeiros pontos a serem considerados para

analisar um discurso é a delimitação do corpus: “decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca de propriedades discursivas” (ORLANDI, 2009, p.63). Nesse sentido, a autora realça as diferenças entre discurso e texto, que se relaciona diretamente às diferenças entre sujeito e autor. Dessa forma, o texto é o que o analista possui diante de si, é o que o analista remete a determinado discurso, que atribui sentido a esse texto por ser parte de determinada formação discursiva.

Após uma primeira análise - análise superficial -, o corpus se torna um objeto discursivo, estando de-superficializado, ou seja, já analisado “o como se diz, o quem diz, em que circunstâncias, etc.” (ORLANDI, 2009, p.65).

Essa primeira análise auxilia a esclarecer o tipo de discurso presente no corpus é a partir daí que o analista do discurso retorna ao conceito do esquecimento número dois e desfaz a ideia de que o discurso poderia ser feito apenas da maneira como foi.

O objeto discursivo não é dado, ele supõe um trabalho do analista e para chegar a ele é preciso, numa primeira etapa de análise, converter a superfície linguística (o corpus bruto), o dado empírico, de um discurso concreto, em um objeto teórico, isto é, um objeto linguisticamente de-superficializado, produzido por uma primeira abordagem analítica que trata criticamente a impressão de ‘realidade’ do pensamento, ilusão que sobrepõe palavras, ideias e coisas. (ORLANDI, 2009, p.66 – negritos nossos).

Após a definição do objeto discursivo, o analista do discurso passa a utilizá-lo para análises mais profundas, “delineando seus limites, fazendo recortes, na mesma medida em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando-se conceitos e noções” (ORLANDI, 2009, p. 66-67).

Este trabalho de ir e voltar entre conceitos e o objeto discursivo é feito durante todo o trabalho de análise. A partir delas é possível evidenciar a forma como o sujeito se constitui e como são produzidos os sentidos, chegando-se, então, ao processo discursivo, onde é possível averiguar as relações entre a língua e a ideologia.

2.6 Acontecimento Discursivo

Nos estudos de Pêcheux, o autor relaciona o Acontecimento Discursivo e a sua relação com o objeto da Análise de Discurso. O Acontecimento Discursivo difere dos outros acontecimentos, como o histórico ou jornalístico. Pêcheux o define como o “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 1983, *apud* FONTANA, 2014, p. 29) e, neste sentido, o autor considera o discurso como um

acontecimento. Conforme explica Fontana (2014, p.30),

a própria existência do discurso gera a possibilidade de interromper uma série de repetições, dando lugar a uma 'desestruturação-reestruturação' da memória e das práticas discursivas e leva a pensar o discurso como acontecimento, ou seja, a considerar o acontecimento como uma dimensão constitutiva do objeto discurso. Considerando, então, o acontecimento como uma 'dimensão constitutiva do objeto discurso'. (FONTANA, 2014, p.30).

A autora, a partir dos estudos de Michel Pêcheux, entende que todo discurso é constitutivamente habitado pelo acontecimento. Michel Foucault (1986, p.30-31) também contribuiu com a discussão a respeito dos acontecimentos discursivos

O campo dos acontecimentos discursivos, em compensação, é o conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequências linguísticas que tenham sido formuladas; elas bem podem ser inumeráveis e podem, por sua massa, ultrapassar toda capacidade de registro, de memória ou de leitura, elas constituem, entretanto, um conjunto finito. (FOUCAULT, 1986, p-30-31 – negritos nossos).

Nem todo acontecimento se caracteriza como um Acontecimento Discursivo. Os acontecimentos marcam a linha do tempo por terem sido proferidos e terem algum impacto na atualidade e na história.

Nesta pesquisa, entendemos os discursos sobre a pandemia da Covid-19 como um acontecimento discursivo, visto que podem alterar a percepção social e histórica dos indivíduos e gerar memória discursiva. Segundo Pêcheux (2008), o acontecimento é parte constitutiva da discursividade:

Ao considerar a memória, é preciso pensá-la a partir do discurso que sustenta uma anterioridade e que se constitui a partir dela para ultrapassá-la. Logo, as palavras já ditas adquirem estabilidade na ordem do repetível, deslocando-se em diferentes contextos sócio-históricos e ideológicos; **o domínio da memória determina como a materialidade discursiva funciona.** (RUIZ E SOUSA, 2014, p. 6 – negritos nossos).

Para Ruiz e Sousa (2021, p.4), “o passado não se torna um tempo encerrado a ser esquecido, mas espaço de memórias cujo efeito de inominável e medo configura-se sempre em uma trama de retornos e deslocamentos por (res)significar”. Os autores explicam que a pandemia - considerada em curso, visto que ainda não houve decreto da OMS estabelecendo o final da pandemia da Covid-19 - é um acontecimento na história que coloca em funcionamento dizeres derivados do ponto de encontro entre uma memória e sua atualidade:

É, pois, **da memória discursiva que é possível retomar discursos já ditos, atualizando-os em relação à historicidade do acontecimento discursivo que irrompe**. Logo, ao depararmos com certa estrutura, no bojo de um acontecimento, vemos a materialização de uma memória social que é determinada historicamente. (RUIZ E SOUSA, 2014, p.7 – **negritos nossos**).

A partir daqui, abordaremos o pronunciamento como prática discursiva, levando em conta as reflexões da AD descritos anteriormente.

3 PRONUNCIAMENTO E DISCURSO

Precisamos situar o pronunciamento oficial como um gênero discursivo, a fim de traçar reflexões que permitam compreender como o gênero é utilizado e quais os impactos. Pronunciamentos são caracterizados por ocupar o espaço da oralidade, tendo sua construção/formulação anterior à circulação em cadeias de rádio, televisão ou outros meios. Essa característica oral confere ao pronunciamento oficial, que também é entendido por nós, enquanto um ritual, o *status* de formalidade oriundo do registro escrito, uma vez que impõe o uso da norma culta padrão da língua portuguesa, além de saudação inicial e encerramento.

Segundo Campbell & Jamieson (2008),

Pronunciamentos oficiais são discursos retóricos epidícticos¹³, porque ocorrem em ocasiões cerimoniais, ligando passado e futuro em uma contemplação do presente, pedindo ao auditório que ‘contemple’ os valores tradicionais, empregando uma linguagem literária e elegante, e confiando na intensificação desse efeito, ampliando e reafirmando aquilo que já é sabido e acreditado. (CAMPBELL & JAMIESON, 2008, p.30 - tradução nossa).

Desse modo, o pronunciamento oficial é mais sólido e linear que outros gêneros presentes nas esferas de produções discursivas sociais, uma vez que exige algumas características relacionadas às formas linguísticas, que são encontradas em nosso corpus, o que confirma o fato de que estamos diante de uma prática discursiva que, embora tenha passado por algumas transformações ao longo do tempo e da história, ainda mantém uma estrutura basilar e estável.

Para Campbell & Jamieson (2008), o pronunciamento oficial apresenta uma característica peculiar no que se refere à questão da autoria: o autor do texto não é o

¹³ Uma forma de retórica que elogia ou culpa em ocasiões cerimoniais, convida o auditório a avaliar a performance do orador, rememora o passado e especula sobre o futuro enquanto foca o presente, emprega um estilo nobre, literário e amplia ou recita fatos (CAMPBELL & JAMIESON, 2008, p.29).

próprio porta-voz, mas o que se chama de *ghost writer*, ou seja, um sujeito que, tendo como ponto de partida os temas que devem ser abordados, fica como responsável pelo âmbito da formulação do discurso. Assim, cabe, no caso, ao presidente fazer a leitura do texto e se colocar como responsável pelo que é proferido, legitimando como seu o discurso de outrem. Segundo destaca Brandão (2006), “falar, por exemplo, do lugar de presidente (da República, do Congresso, de uma associação qualquer) é veicular um saber reconhecido como verdadeiro (pelo posto ocupado) e, por isso, gerador de poder” (BRANDÃO, 2006, p.7).

Do ponto de vista jornalístico, isso se explica pela Teoria dos Definidores Primários, que se baseia no âmbito das fontes e no poder que possuem na construção das notícias. Os definidores primários, conforme evidencia Pena (2005), não integram a maior parte da população: são indivíduos que possuem conhecimento, autoridades em determinado assunto ou representantes das factuaisidades sociais. Nesse sentido, o presidente da República é uma fonte primária importante, considerando um momento pandêmico, onde novas informações, decretos e posicionamentos surgiam a todo momento:

As possíveis distorções do noticiário não seriam fruto de uma simples conspiração dos profissionais da imprensa com os dirigentes da classe hegemônica, mas, na verdade, uma subordinação às opiniões das fontes que têm posições institucionalizadas, também chamadas de definidores primários. (PENA, 2005, p.154 – negritos nossos).

Vale ressaltar que o pronunciamento oficial é também uma materialidade de manifestação da ideologia. Assim, Brandão reforça o conceito de formação ideológica na Análise de Discurso nos seguintes termos:

conjunto de atitudes e representações ou imagens que os falantes têm sobre si mesmos e sobre o interlocutor e o assunto em pauta. **Essas atitudes, representações, imagens estão relacionadas com a posição social de onde falam ou escrevem, têm a ver com as relações de poder que se estabelecem entre eles e que são expressas quando interagem entre si.** É nesse sentido que podemos falar em uma formação ideológica colonialista, uma formação ideológica capitalista, neoliberal, socialista, religiosa, etc. (BRANDÃO, 2006, p. 7 – negritos nossos).

Apesar disso, conforme ressalta a autora, uma mesma fala pode aparecer em formações discursivas diferentes, a depender da posição sócio-ideológica do indivíduo que produz o enunciado, uma vez que ela leva em consideração os seguintes fatores externos: “quem fala, para quem se fala, de que posição social e ideológica se fala”

(BRANDÃO, 2006, p.8).

A partir desse cenário, introduziremos, em seguida, as *fake news*, que, nesta pesquisa, serão consideradas como discursos e analisadas como tal.

4 FAKE NEWS E FACT-CHECKING

As *fake news* existem há muito tempo, mas o desenvolvimento tecnológico tornou mais simples propagá-las. Como indica Silva (2020), as tecnologias trouxeram novas dinâmicas para as notícias falsas, criando outra manifestação comunicacional. Dessa forma, as redes sociais possuem papel definidor nesse processo, considerando que qualquer pessoa com acesso a uma delas pode criar, compartilhar ou comentar estas mentiras em poucos segundos.

Gomes, Penna e Arroio (2020, p.3) trazem a velocidade na propagação de falsos enunciados como a grande vantagem das redes sociais nesse processo.

A velocidade está sendo a grande 'carta na manga' das notícias falsas, as quais se disseminam por meio de diversas mídias sociais como WhatsApp, Facebook, Twitter, entre outras de grande aderência. **A notícia ganha impulso, propaga-se como um verdadeiro incêndio virtual e, dessa forma, consolida opiniões e supostos conhecimentos sobre os mais variados temas.** (GOMES; PENNA; ARROIO, 2020, p.3 – negritos nossos).

Apesar disso, é necessário mais do que a velocidade para fazer uma *fake news* se tornar importante a ponto de ser notada, pois, dentre milhares de informações que são disponibilizadas, ela precisa se destacar. Como indica Silva (2020, p.53):

Os mecanismos que tornam as informações falsas virais são o fato de que elas tendem a circular, ao menos inicialmente, entre pessoas mais propensas a acreditar nelas. **Notícias falsas tendem a apelar para preconceções que já temos e, por isso, temos menos inclinação de questionar. É isso que as torna tão perigosas.** (SILVA, 2020, p.53 – negritos nossos).

As *fake news* são, conforme explica Silva (2020), a matéria prima para a construção do conceito de pós-verdade. Faustino (2019, p.89) traz a explicação:

O conceito de pós-verdade é mais abrangente que o de fake news, embora ambos estejam ligados com a manipulação ou alteração do sentido real dos fatos e mascarando isso na forma de notícia ou informação, transformando a mentira em uma 'falsa verdade'. (FAUSTINO, p.89 – negritos nossos).

Além do fator velocidade, que colabora com a disseminação das *fake news* nas

redes sociais, há outra questão: as redes sociais, às vezes, causam a falsa impressão de que a liberdade de expressão não possui limites: “a liberdade de expressão se confunde com o direito de divulgar notícias falsas, sendo que existe uma linha tênue entre liberdade e criminalidade na rede” (LEAL, 2019, p.12).

O que era para ser um caminho integrador tornou-se palco fértil para a profusão de notícias falsas, também conhecidas por *fake news*. **Historicamente não são uma invenção contemporânea, mas sua profusão e quase endemia se dão pela facilidade de uso e de reverberação, às vezes por segundos, promovidos pelas redes sociais virtuais.** (BERTI E CARVALHO, 2019, p.130 – negritos nossos).

No Brasil, o presidente da República já utilizou suas redes sociais diversas vezes para contribuir com a desinformação, muitas vezes acusando jornalistas e veículos de comunicação de publicarem *fake news*:

Em boa parte dos casos, **Bolsonaro enquadra como mentiras e fake news o que é dito pelos demais partidos políticos e pela imprensa. A verdade é entendida, quase que exclusivamente, como aquilo que ele ou seus aliados dizem e fazem.** A questão da verdade em suas falas é importante na medida em que se relaciona com o esforço de deslegitimação de veículos informativos tradicionais (como a imprensa) e de especialistas em favor das experiências individuais - e também afetivas - de Jair Bolsonaro e, por espelhamento, de seus seguidores. (VISCARDI, 2020, p.1153 – negritos nossos).

De acordo com o levantamento indicado por Silva (2020, p. 53), percebe-se que a propagação de informações falsas no governo de Jair Bolsonaro está presente desde os primeiros dias: nos primeiros 167 dias de governo, Bolsonaro deu 192 informações falsas ou distorcidas. Esta grande disseminação de informações falsas exigiu uma atitude do jornalismo, que partiu, então, para a checagem de fatos. Nesse contexto, a atuação da Agência Lupa é colocada em evidência.

4.1 Agência Lupa e a Pandemia

A Agência Lupa é a primeira agência de *fact checking* do Brasil. Ou seja, atua com checagem de fatos, fazendo um levantamento das *fake news* compartilhadas nas redes sociais, sites e demais meios e desmentindo as informações falsas:

A Lupa segue uma metodologia de trabalho própria, desenvolvida com base em processos de sucesso implantados por plataformas de fact-checking como a argentina Chequeado e a americana Politifact. **A matéria-prima principal no processo de produção de conteúdo jornalístico são as**

declarações feitas por atores públicos e as informações potencialmente falsas que circulam em plataformas de redes sociais e em aplicativos de mensagem. (LUPA, 2015 – negritos nossos).

A Lupa é membro verificado da *International Fact-Checking Network* (IFCN), organização criada em 2015, que monitora as atividades e reúne os principais checadores de fatos do mundo. Em seu site, a IFCN disponibiliza o código de princípios que seus membros verificados devem seguir, sendo eles: conformidade com o apartidarismo e a justiça e transparência com as fontes; com os financiamentos e organizações; com a metodologia e com a política de correções. A Lupa, como membro verificado, segue estes princípios.

Desde o início das atividades, em 2015, o ano de 2020 foi o que mais teve *fake news* desmentidas pela Agência. Barcelos *et al.* (2021, p.6) mostram que, nos seis meses iniciais de pandemia no Brasil, as principais *fake news* divulgadas envolviam conteúdos de posicionamentos políticos e desinformação sobre o número de casos e óbitos por Coronavírus, bem como sobre medidas de prevenção e de tratamento.

No dia 23 de março, a Lupa lançou uma Newsletter para desmentir boatos a respeito da Covid-19. Com o aumento significativo de *fake news* sobre a pandemia, a Lupa, no dia 2 de abril, anunciou a ampliação no combate à desinformação. Na notícia informando sobre a ampliação, o diretor de Negócios e Estratégias da Lupa, Gilberto Scofield Júnior, explicou a necessidade dessa ampliação:

Estamos enfrentando duas batalhas: uma dos profissionais de saúde nas trincheiras de combate direto ao vírus e nas pesquisas. Outra, nas trincheiras da informação. **Há uma tentativa desumana de minimizar a doença ou espalhar o caos sobre a pandemia para lucrar politicamente.** Esta segunda batalha é travada diariamente pelos jornalistas e pelos checadores. (LUPA, 2020 – negritos nossos).

Dessa forma, a Agência passou a fornecer dados e conteúdos checados sobre a Covid-19 para órgãos de saúde, secretarias de saúde, entidades e associações médicas, além de lançar um *podcast* informativo. No mesmo dia, a Lupa também anunciou sua integração na coalizão latino-americana contra a desinformação sobre o Coronavírus. A iniciativa do grupo *LatamChequea* reuniu 22 organizações, visando formar uma base de conteúdos para checagem na pandemia. Vale ressaltar que além de disponibilizar conteúdos em seu site, a agência manteve as redes sociais - Instagram, Twitter, Youtube, Facebook e LinkedIn - atualizadas com informações

Destacamos, aqui, o conceito de Infodemia: “um excesso de informações,

algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa” (ZAROCOSTAS, 2020, *apud* OPAS, 2020, p. 2). Combater esse excesso de informações exige um amplo trabalho de pesquisa e apuração. Assim, a partir de abril de 2020 a Lupa passou a desmentir ainda mais informações falsas, utilizando todos os meios em que está inserida:

As iniciativas de fact-checking são fundamentais para que a imprensa crie consciência - e parta para ações efetivas - de que para enfrentar a disseminação de notícias falsas, **o jornalismo profissional deve assumir o papel de guardião da credibilidade das notícias e deixar transparente os métodos de apuração para que os leitores entendam como as notícias foram checadas**”. (SPINELLI E SANTOS, 2018, p.20 – negritos nossos).

Dessa forma, a presente pesquisa busca avaliar a atuação da Agência Lupa após o terceiro pronunciamento de Jair Bolsonaro na pandemia, relacionando 10 *fake news* desmentidas pela agência; elas compõem o *corpus* relativo ao pronunciamento que será observado a partir da AD.

5 MOVIMENTOS DE ANÁLISE

Como citado anteriormente, o movimento analítico da AD passa pela definição das sequências discursivas (SDs), ou seja, é necessário selecionar quais serão os recortes de *corpus* utilizados para o desenvolvimento das discussões. As sequências são utilizadas como ponto de partida para que o discurso seja, de fato, analisado, organizando o *corpus* e guiando o analista do discurso.

Conforme explica Orlandi (2009, p. 62), todo discurso se relaciona com um discurso anterior e aponta para outro, ou seja, “não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes”. Por isso, conforme explica a autora, objetiva-se, com a AD, uma análise vertical que leva em conta os objetivos da análise e sua temática, levando o analista do discurso a consequências teórico-metodológicas relevantes.

Com base nisso, separamos o terceiro pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro, ocorrido em 24 de março de 2020, em SDs, a fim de analisá-las e as relacionar a dez notícias desmentindo *fake news* ligadas à pandemia da Covid-19, sendo que elas foram selecionadas no *site* da Agência Lupa.

Relembramos que definimos o *corpus* como o pronunciamento de Bolsonaro

na íntegra e as dez notícias selecionadas na Agência Lupa, uma para cada mês de março a dezembro de 2020, escolhidas com base em seu alcance e ligação com a temática. Esse formato de análise permite compreender como a formação discursiva presente no pronunciamento está presente nas *fake news* propagadas.

O *corpus* analisado, apesar de extenso, nesse caso, é positivo, pois permite a percepção da amplitude do pronunciamento de Bolsonaro e de como seu discurso se relaciona com discursos anteriores e aponta para outros discursos.

SD1: Desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuhan, na China, em uma operação coordenada pelos ministérios da Defesa e das Relações Exteriores, surgiu para nós um **sinal amarelo**. Começamos a nos preparar para enfrentar o Coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil. Nosso ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os secretários de saúde dos estados para que o planejamento estratégico de combate ao vírus fosse construído e, desde então, o doutor Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas. **Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria. E, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa.** (Fragmento do pronunciamento oficial de Jair Bolsonaro, proferido no dia 24 de março de 2020 – negritos nossos).

A SD1, parte inicial do pronunciamento de Bolsonaro, marca o posicionamento do presidente com relação à pandemia. Enquanto a população enfrentava o medo de uma doença desconhecida e que se alastrava rapidamente, o presidente designou essa preocupação como uma histeria que deveria ser contida.

Para definir *histeria*, recorremos ao Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa¹⁴, que define o termo como a manifestação de sintomas emocionais e/ou físicos de natureza idêntica, que se apresenta como um comportamento irracional de um grupo de pessoas diante de um acontecimento. Diante dessa definição, o discurso de Bolsonaro produz um efeito de banalidade sobre a chegada do novo Coronavírus ao Brasil, desdenhando da forma como a população se portou diante disso.

Outro ponto dessa SD que evidencia a postura despreocupada do presidente com relação à pandemia da Covid-19, que, na ocasião, já havia sido declarada pela OMS há 13 dias, é a afirmação de que o resgate dos brasileiros em Wuhan fez surgir para o governo um sinal amarelo. O resgate, que retirou 34 cidadãos brasileiros de Wuhan, ocorreu entre 5 e 9 de fevereiro de 2020 e teve um custo de R\$ 4,6 milhões

¹⁴ Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 12 out. 2022.

para os cofres públicos¹⁵, dos quais R\$ 3,8 milhões permaneceram sob sigilo. O objeto de análise, porém, é o sinal amarelo ao qual Bolsonaro se refere.

De acordo com Heller (2012, p. 183), dentre outros possíveis efeitos, o amarelo é a cor internacional da advertência. A autora faz a relação com o futebol, por exemplo, em que os alertas são feitos por meio de cartões amarelos, e com os navios, em que, caso seja erguida uma bandeira amarela, significa que ali há uma epidemia.

Adotaremos, neste momento, o sentido de advertência da cor amarela por conta da formação discursiva em que ela está inserida, visto que cada palavra adquire sentido por conta da formação ideológica que a determina. A advertência caracteriza uma situação em que é necessário prudência para que tudo permaneça sob controle. Dessa forma, é possível inferir da fala do presidente: que a situação exigia prudência, mas não era preocupante - caso fosse, para ele, um motivo de preocupações maiores, teria usado cor que simbolize perigo, como o vermelho. Como explica Heller (2012, p. 131), a cor vermelha sinaliza o entendimento de “Pare!” ou de “Perigo”. A psicologia das cores, aliás, está diretamente relacionada à AD, visto que “a impressão causada por cada cor é determinada por seu contexto, ou seja, pelo entrelaçamento de significados em que a percebemos” (HELLER, 2012, p. 23).

Além disso, Bolsonaro colocou a economia como prioridade, em um momento em que os casos de Covid-19 no Brasil aumentavam e pessoas já estavam morrendo por conta da doença. A população buscava informações e formas de sobreviver à pandemia e o presidente pensava na necessidade de evitar o desemprego em massa. Esse entendimento, entretanto, vai ao encontro do posicionamento adotado pelo presidente desde o primeiro momento do pronunciamento. Se a pandemia era apenas um sinal amarelo, não havia motivos, em sua visão, para priorizar outras áreas.

É preciso notar, também, o discurso de Bolsonaro sobre o então ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta. Na ocasião, o presidente destacou a atuação do ministro, afirmando que ele vinha executando um excelente trabalho. Porém, menos de um mês depois, no dia 16 de abril, Mandetta anunciou que havia sido demitido pelo presidente. A exoneração ocorreu devido às diferenças de métodos entre os dois representantes, visto que Mandetta não priorizava a economia, mas o isolamento social, e não defendia o uso da cloroquina para tratamento da Covid-19, o que se

¹⁵ Disponível em: <<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,exclusivo-governo-gastou-r-4-6-milhoes-para-resgatar-34-brasileiros-da-china,70003247299>>. Acesso em: 21 out. 2022.

mostrou uma medida correta, visto que o medicamento foi comprovado ineficaz nesse caso. Diante disso, Mandetta deixou de ter utilidade para Bolsonaro, que priorizava a economia e o estimulou ao uso da cloroquina.

Em entrevista à TV Globo, o ex-ministro afirmou que as divergências entre ele e o presidente da República eram negativas, visto que o povo brasileiro não sabia se deveria escutar o ministro da Saúde ou o chefe de Estado. Já Bolsonaro, quando entrevistado sobre o assunto, afirmou que ele e seus 22 ministros estavam juntos na defesa da vida do povo brasileiro e dos empregos. À época da exoneração de Mandetta, o Brasil já contava com 1.924 mortes por Covid-19.

Com relação ao desemprego, precisamos lembrar que o Brasil já enfrentava altos índices de desemprego muito antes da pandemia. Em 2019, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil bateu o recorde de pessoas desempregadas que estavam há pelo menos dois anos em busca de emprego, sendo que os índices de desemprego vinham aumentando desde 2016. O primeiro trimestre de 2020 também foi marcado pelo aumento do desemprego, que atingiu 12,9 milhões de brasileiros.

Com esses dados em consideração, colocar o desemprego como prioridade apenas quando uma pandemia chega ao país demonstra uma postura despreocupada por parte do presidente com relação ao momento delicado. Afinal, se os índices de desemprego já eram altos desde 2019, não havia motivo para Bolsonaro esperar até março de 2020 para se preocupar com o desemprego e a economia do país diante de uma emergência maior. Tudo indicava que o presidente estava mais preocupado com aliados seus e financiadores de campanha, do que com o desemprego e com a saúde da população, que morria aos milhares.

Essa preocupação com a economia acima da saúde pública também se fez presente em diversas *fake news*, como demonstraremos na próxima SD, que se trata de uma *fake news* que foi desmentida pela Agência Lupa no dia 26 de março de 2020, dois dias após o pronunciamento de Bolsonaro.

SD2: Homem se joga de viaduto em São Paulo após ser demitido por conta da quarentena do Coronavírus. O caso aconteceu na tarde desta quarta (25), no viaduto da Marginal Tietê. Segundo informações, o homem de 48 anos se jogou do viaduto após ter sido demitido da empresa na qual trabalha há mais de 12 anos. **Familiares afirmam que a demissão se deu por conta da recessão causada pela quarentena geral imposta pelo governo de São Paulo.** (Fragmento da *fake news* publicada pelo site Mídia Five no dia 25 de março de 2020 e desmentida pela Agência Lupa no dia 26 de março de 2020 – negritos nossos).

Esta SD dialoga diretamente com a SD1, que aponta o fator econômico da pandemia acima da necessidade de buscar formas de proteger a vida da população. Vale ressaltar, conforme explicamos anteriormente, que os interlocutores não são a origem dos discursos, mas retomam sentidos pré-existentes, conforme determina o esquecimento número um, delineado por Pêcheux; por isso, destacamos a conexão entre as duas SDs, relacionando os dizeres.

Com o aparente objetivo de criar uma aflição ainda maior nas pessoas, em face do movimento “fique em casa”, que trouxe, é claro, prejuízos para as empresas, a *fake news* trouxe a quarentena - que é uma forma de proteção contra a doença - como a responsável pela demissão de pessoas, forjando a crença de que as medidas de prevenção contra o Coronavírus eram, como o presidente afirmou, uma forma de *histeria* que precisava ser contida, porque havia empregos dependendo disso.

A Agência Lupa, em seu trabalho de checagem, destacou que não houve registro algum de uma ocorrência com as características da “reportagem” que dizia que o homem havia sobrevivido, porém, estava em estado gravíssimo, e explicou, ainda, que a foto de capa utilizada se referia a um acontecimento de 2017.

O discurso trazido na *fake news*, além de priorizar a economia num momento de pandemia, chamava a atenção da população, buscando mudar a percepção sobre as medidas de proteção contra a Covid-19, podendo prejudicar a saúde e a vida das pessoas atingidas por essa falsa informação.

SD3: Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro chefe o anúncio de um grande número de vítimas na Itália, um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. Um cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país. **Contudo, percebe-se que, de ontem para hoje, parte da imprensa mudou seu editorial. Pedem calma e tranquilidade. Isso é muito bom. Parabéns, imprensa brasileira. É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam entre nós.** (Fragmento do pronunciamento oficial de Jair Bolsonaro, proferido no dia 24 de março de 2020 – negritos nossos).

O foco da SD3 está no ataque à imprensa. A afirmação de que os veículos de comunicação foram na contramão da atuação do governo os posiciona como disseminadores da histeria já citada por ele anteriormente. Ou seja, enquanto ele estaria tentando conter a situação, a imprensa ia contra o que ele falava, desafiando sua atuação e espalhando o desespero pelo país.

Dessa forma, por meio do ataque à imprensa, deveríamos entender que a

imprensa estava despreparada para lidar com as informações referentes à pandemia. Ele cita, ainda, as informações divulgadas a respeito das vítimas na Itália como carro chefe do pavor causado pela imprensa, trazendo o fato de o país possuir um grande número de idosos e um clima diferente do brasileiro, como uma certeza de que o Brasil não seria afetado da mesma forma. Até o dia 24 de março de 2021, a Itália havia registrado 6.820 óbitos pela doença e as autoridades de saúde afirmavam que o pico de contaminações e óbitos ainda não havia chegado ao país¹⁶.

Chaparro (1994) fixa critérios de noticiabilidade para a atividade jornalística, ou seja, as características que fatos e acontecimentos devem ter para serem noticiáveis, sendo: atualidade, proximidade, notoriedade, conflito, conhecimento, consequências, curiosidade, dramaticidade e surpresa. Levando esses critérios de noticiabilidade em consideração, é possível compreender o porquê de a imprensa brasileira divulgar os acontecimentos da Itália: estava apenas seguindo os regimentos da profissão.

Na SD, Bolsonaro também critica os veículos de comunicação, ao afirmar que parte da imprensa havia mudado seu editorial para solicitar tranquilidade à população, priorizando, então, o equilíbrio e a verdade. O pronunciamento do presidente posiciona, assim, a imprensa que noticiava os fatos da Itália, por exemplo, como favorável ao desequilíbrio e mentiras, visto que não trabalhavam para tranquilizar a população, sendo que o que acontece é justamente o contrário.

Ainda na SD3, Bolsonaro reconhece apenas o trabalho dos veículos que atuam de acordo com seu próprio posicionamento. Esta seria a imprensa brasileira, que foi parabenizada, não quem estaria propagando o caos.

Pensando no sujeito do discurso como alguém afetado pela ideologia, pela linguagem e pelo inconsciente e a partir do Materialismo Histórico, percebe-se que a linguagem e a ideologia que acomete Bolsonaro se opõem à imprensa. Isso fica claro tendo em conta diversos enunciados do presidente, em diversas ocasiões. Conforme indicado em um levantamento da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), só em 2019, ele atacou a imprensa 116 vezes, sendo 105 tentativas de descredibilização e 11 ataques a jornalistas¹⁷, ou seja, os ataques não eram uma atitude nova.

É preciso ressaltar que o presidente posicionou a imprensa como responsável

¹⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/03/27/italia-tem-quase-mil-mortes-causadas-pela-covid-19-o-recorde-diario.ghtml>. Acesso em: 22 out. 2022.

¹⁷ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/03/ao-longo-de-2019-bolsonaro-atacou-a-imprensa-pelo-menos-116-vezes>. Acesso em: 22 out. 2022.

por desequilíbrio e mentiras, dando a entender que a verdade partia dele. Entretanto, conforme indicado pelo relatório final da CPI da Covid, ocorrida em 2021, desde o início da pandemia, Bolsonaro propagou *fake news*, tanto em pronunciamentos quanto em redes sociais a respeito da doença, fazendo campanha antivacina, sendo contra o uso de máscaras e o isolamento social, disseminando a ideia de tratamento precoce, como ocorreu, inclusive, no pronunciamento usado nesta pesquisa, e trazendo dados falsos sobre o número de mortes por Covid-19 e a origem do Coronavírus¹⁸.

Evocando o conceito de *memória discursiva*, que explica a criação de sentidos ao longo da história, podemos compreender o motivo de o diferente clima europeu e o número de idosos terem sido para justificar o descuido com relação à Covid-19, retomando a ideia de que o frio e a maior idade eram os fatores de risco para a população e não havia por que o Brasil se preocupar - o que era infundado, visto que o país somou quase 35 milhões de casos de Covid-19 e 687 mil óbitos pela doença¹⁹.

Desses, diferentemente do que o presidente informou, não foram apenas os idosos que foram infectados e mortos. De acordo com o Portal da Transparência do Registro Civil, que preparou seções em seu *site*²⁰ para informar sobre as mortes por Covid-19 no Brasil, os idosos tiveram maior taxa de óbitos pela doença, entretanto pessoas de todas as faixas etárias foram a óbito por Covid-19.

Segundo a plataforma, a quantidade de óbitos no Brasil foi maior entre pessoas de 70 a 79 anos. Após ela, o maior número de óbitos ocorreu, respectivamente, entre pessoas de 60 a 69 anos, 80 a 89 anos, 50 a 59 anos, 40 a 49 anos, 80 a 89 anos, 30 a 39 anos, 20 a 29 anos, maiores de 100 anos, 10 a 19 anos e menores de 9 anos.

SD4: AGU vai pra cima da Globo que pode ser enquadrada na Lei de Segurança Nacional. **Enfim veio a reação do governo no campo jurídico. A guerra contra a desinformação da Rede Globo está definitivamente lançada.** Considerando uma série de fatos elencados num despacho extremamente contundente, o Advogado-Geral da União André Mendonça determinou a **instauração de procedimento para averiguação de eventuais crimes cometidos pela emissora contra a pessoa do presidente da República.** (Fragmento da *fake news* publicada no Facebook no dia 01 de abril de 2020 e desmentida pela Agência Lupa no dia 02 de abril de 2022 – negritos nossos).

A SD4 se relaciona à anterior por trazer, também, um ataque à imprensa, dessa

¹⁸ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2021/10/20/fake-news-cpi-da-covid-presidente-jair-bolsonaro-filhos.htm>. Acesso em: 22 out. 2022.

¹⁹ Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 22 out. 2022.

²⁰ Disponível em: <https://transparencia.registrocivil.org.br/inicio>. Acesso em: 22 out. 2022.

vez, especificamente à Rede Globo. A SD, que é uma *fake news* veiculada pelo Facebook no dia 01 de abril de 2020, data conhecida, também, como Dia da Mentira, foi desmentida pela Agência Lupa no dia seguinte.

A SD traz à tona o teor da informação falsa, que tinha 42 mil compartilhamentos na data em que a Lupa efetuou a checagem: o objetivo era acusar a referida emissora de propagar desinformação sobre o presidente Bolsonaro, acusando-a, inclusive, de crimes, que acabaram por causar uma guerra contra a desinformação e a imprensa foi colocada como inimiga do governo - e consequentemente da população, visto que o governo tem, em tese, o intuito de atuar em prol da população.

Para desmentir a informação, a agência de *fact-checking* buscou a Advocacia-Geral da União (AGU), cuja assessoria informou não haver procedimento que tratasse de “eventuais crimes” envolvendo o Grupo Globo de Comunicação; também afirmou desconhecer qualquer procedimento envolvendo a emissora e a AGU.

Posicionar a imprensa como vilã num cenário de democracia é perigoso. Afinal, se a população enxergar veículos de comunicação como propagadores de mentiras, nenhuma informação disseminada terá credibilidade, o que terá efeitos negativos sobre o desejado equilíbrio social.

SD5: O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e **brevemente** passará. **Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade.** Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, como proibição de transporte, fechamento de comércio e confinamento em massa. **O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos.** Então, por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs, com menos de 40 anos de idade. **90% de nós não teremos qualquer manifestação caso se contamine.** Devemos, sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós. **Respeitando as orientações do Ministério da Saúde.** (Fragmento do pronunciamento oficial de Jair Bolsonaro, proferido no dia 24 de março de 2020 - negritos nossos).

A SD5 retoma o que o presidente havia dito até então no pronunciamento, ou seja, a questão dada como central para ele: a economia brasileira. Bolsonaro afirma ser necessário voltar à normalidade o que remete à quando não havia preocupação com a Covid-19. O presidente coloca o sustento das famílias e seus empregos como fonte de preocupação com a economia, com discursos que têm um apelo sentimental às pessoas. Ele seria o defensor da população e alguém que se preocupa com os brasileiros e que pretende auxiliá-los a passar pela situação de pandemia da melhor

forma possível, visto que o vírus passaria brevemente, segundo ele, apesar de estar, na verdade, priorizando o capital em detrimento à vida, sendo porta-voz dos interesses do grande capital: grandes empresas, indústrias e bancos.

Afirmar que a pandemia da Covid-19 passaria brevemente, sendo que mais de dois anos depois, hoje, a OMS não declarou ainda o fim da pandemia, demonstra a falta de conhecimento do presidente e o seu enviesamentos a favor do seu grupo frente ao momento que, não apenas o Brasil, o mundo vivia. Não havia como prever como o vírus se desenvolveria no Brasil; caso houvesse, os pesquisadores e cientistas o teriam feito. Entretanto, é isso que Bolsonaro tentou fazer - sendo "tentou" a palavra-chave, pois, como mostrado anteriormente, a morte de 687 mil pessoas não foi algo que ocorreu de forma breve.

Além disso, o presidente cita um dado inexistente: que 90% da população, caso contaminada, não apresentaria sintomas. A afirmação não possuía respaldo científico e se provou incorreta, conforme pesquisas da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), que constatou que, de maio de 2020 a janeiro de 2021, aproximadamente 60% das pessoas infectadas pela Covid-19 apresentou sintomas da doença²¹.

A pesquisa citada também demonstrou que a diminuição do isolamento social no Brasil aumentou a contaminação, ao contrário do que o presidente afirmou no pronunciamento, quando criticou as autoridades estaduais e municipais que tomaram medidas de prevenção como proibição de transporte, fechamento do comércio e isolamento social. O presidente, inclusive, ironiza/satiriza essas autoridades, ao falar que adotaram um conceito de terra arrasada.

Além disso, ele declara que a população deveria apenas evitar transmitir a doença para pais e avós - pertencentes ao grupo de risco definido por ele - e que era necessário, então, seguir as orientações do Ministério da Saúde, que, vale relembrar, preconizava o distanciamento social, o uso de máscaras, a higienização das mãos e superfícies, a limpeza e a desinfecção de ambientes e o isolamento e a quarentena, no caso de infecção.

Refletir sobre o pronunciamento leva a abordar a relação de forças, ou seja, o lugar de fala do sujeito é constitutivo do que ele diz, conforme salientamos antes. Ou seja, Bolsonaro, ao falar do lugar de presidente da República, traz força ao discurso,

²¹ Disponível em: <https://www.unifesp.br/reitoria/dci/releases/item/4986-projeto-epicovid-19-br-maior-estudo-epidemiologico-sobre-a-covid-19-no-brasil-chega-a-fase-final>. Acesso em: 22 out. 2022.

pois, a população considera seus enunciados como líder da nação e por isso a diretriz de seguir as orientações do Ministério da Saúde, nesse caso, é tão importante.

Essas regras, aparentemente, só serviam para o povo, já que o presidente descumpriu as orientações da Saúde em diversos momentos, promovendo motociatas²², aglomerações de pessoas²³, festas e, ainda, indicando um medicamento sem eficácia para o tratamento precoce da doença - a cloroquina, o que causou os desentendimentos entre Bolsonaro e Mandetta, como mostrado anteriormente.

SD6: Morreu a mesma quantidade de pessoas no Brasil em 2019 e 2020 por doenças respiratórias. (Fragmento da *fake news* publicada no jornal Gazeta do Povo pelo colunista Rodrigo Constantino no dia 13 de maio de 2020 e desmentida pela Agência Lupa no mesmo dia – negritos nossos).

A SD6 traz, em sua estrutura, a mesma ideologia presente nas SDs anteriores, referente ao pronunciamento de Bolsonaro, uma vez que a SD banaliza a Covid-19, por meio da afirmação de que a doença estava causando óbitos na mesma proporção que outras doenças respiratórias que atingiram a população no ano anterior, o que foi mostrado falso pela Agência Lupa.

Analisando a *fake News*, torna-se claro que o intuito era diminuir a gravidade da pandemia perante a população, o que encorajaria o descumprimento das medidas de segurança, visto que, de acordo com esse discurso, a Covid-19 deveria despertar na população o mesmo grau de preocupação que qualquer outra doença respiratória.

Não se deve esquecer que a ciência não conhecia, como ainda não conhece, todos os aspectos da doença e do vírus; então, o cumprimento das medidas de segurança era uma prioridade para que fosse possível conhecer mais sobre a pandemia sem que a população passasse por um nível alto de contaminação.

Ao desmentir a *fake news* que originou a SD, a Lupa explicou que estavam usando dados distorcidos para criar a falsa impressão de que a mortalidade da Covid-19 não era maior que a de outras doenças, citando mais três publicações desmentindo outras *fake news*, o que mostra, também, um padrão de produção de *fake news* referentes à Covid-19, em que os criadores e propagadores de desinformação se baseiam em discursos e ideologia semelhante.

²²Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/07/11/interna_politica,1285581/bolsonaro-na-pandemia-5-passeios-de-moto-e-nenhuma-visita-a-hospitais.shtml. Acesso em: 23 out. 2022.

²³ Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/09/07/na-independencia-da-pandemia-bolsonaro-faz-festa-para-a-tv.ghtml>. Acesso em: 23 out. 2022.

SD7: **No ano de 2009 a gripe h1n1 matou muito mais gente que Covid19** e o seu governo Lula não te deu 10 centavos. E mais a mídia podre ficou de bico calado não falou em isolamento, nem nada. **Lembrando que o H1N1 também veio da China.** (Fragmento da *fake news* publicada no Facebook no dia 12 de junho de 2020 e desmentida pela Agência Lupa no dia 13 de junho de 2020 – negritos nossos).

SD8: Ué!!! **Morreram menos pessoas, por mês, em 2020 do que em 2019?** (Fragmento de vídeo propagado pelo WhatsApp, desmentido pela Agência Lupa no dia 15 de novembro de 2020 – negritos nossos).

Vemos que a SD7 tenta, assim como a anterior, colocar a Covid-19 em pé de igualdade com outras doenças respiratórias, mais uma vez repetindo o discurso de que o novo Coronavírus não era grave como a mídia supostamente estava fazendo a população acreditar. Já a SD8 desqualifica a Covid-19, afirmando que, mesmo com a pandemia no Brasil, menos pessoas foram a óbito no país, ou seja, não havia motivo para a histeria propagada pela mídia.

A SD8 é a parte inicial de um vídeo de 1 minuto e 44 segundos, enviado para a Agência Lupa por meio do WhatsApp para verificação. A Lupa, durante a atividade, constatou que, de janeiro a outubro de 2020, todos os meses apresentaram uma taxa de óbitos muito superior à do ano anterior.

As duas SDs se relacionam diretamente, por isso as posicionamos juntas, ao contrário das outras. Como o objetivo era acabar com as preocupações da população com a Covid-19, as *fake news* buscaram diversas formas de o fazer, inclusive distorcendo os dados dos óbitos no país. E enquanto as *fake news* afirmavam não haver mortes e criavam boatos, como o que denunciava caixões sendo enterrados vazios apenas para causa pânico na população²⁴, Bolsonaro responde à imprensa sobre as mortes afirmando que "não era coveiro"²⁵, desdenhando da doença, da pandemia, da população e daqueles que haviam perdido alguém para a doença.

Por sua vez, a SD7 traz um ataque à mídia, como aquele presente, também, no pronunciamento de Bolsonaro, como visto antes, relacionando a imprensa ao governo vigente em 2009, quando a pandemia do H1N1 atingiu o Brasil. A construção da *fake news* mostra a crença de que a imprensa é partidária e contrária a Bolsonaro, cobrando dele coisas que não foram cobradas do governo em 2009, quando uma pandemia mais grave atingiu o Brasil.

²⁴ Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/04/23/verificamos-caixoes-vazios-amazonas>. Acesso em: 3 set. 2022.

²⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 23 out. 2022.

Entretanto, durante a pandemia de H1N1, o Brasil foi referência mundial em imunização da população, vacinando 80 milhões de brasileiros em três meses. Já durante a pandemia de Covid-19, além das propagandas antivacina de Bolsonaro, o governo ignorou 101 e-mails da farmacêutica Pfizer²⁶, ao longo de seis meses, que pretendia, por meio da memória da vacinação brasileira em 2009, utilizar o Brasil como vitrine de vacinação contra Covid-19 para o mundo. Caso o contrato oferecido fosse aceito, a vacinação no Brasil teria iniciado em dezembro de 2020, em vez de iniciar no dia 17 de janeiro de 2021. Além disso, como informado pela Agência Lupa ao desmentir a *fake news*, a Covid-19 causou um número muito maior de mortes que a H1N1. Para isso, a agência demonstrou que, já naquela data, mais pessoas haviam morrido por Covid-19 no Brasil do que morreram por H1N1 no mundo inteiro, na ocasião da pandemia da doença.

A SD mostra que a referida *fake news*, visando dar à Covid-19 o mesmo grau de periculosidade da H1N1, afirma que a H1N1 também havia se originado na China, quando, na realidade, conforme a Lupa desmentiu, a H1N1 surgiu no México.

Em síntese, as SDs mostram que o intuito destas *fake news* era apenas tirar a credibilidade dos veículos de comunicação e fazer as pessoas acreditarem que a Covid-19 não era motivo para tanta preocupação.

SD9: No meu caso particular, **pelo meu histórico de atleta**, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma **gripezinha ou resfriadinho**, como bem disse **aquele conhecido médico daquela conhecida televisão**. (Fragmento do pronunciamento oficial de Jair Bolsonaro, proferido no dia 24 de março de 2020 - negritos nossos).

Na SD9, Bolsonaro traz o histórico de atleta como fator determinante para a existência ou não de sintomas das pessoas infectadas, dando a entender que pessoas que praticam ou praticaram, em algum momento, atividades físicas estavam mais protegidas da Covid-19. O presidente afirma que ele não apresentaria sintomas, caso infectado, por conta desse histórico, que se trata do tempo em que ele esteve nas Forças Armadas, de onde se afastou em 1988.

A partir disso, Bolsonaro caracteriza a doença como uma *gripezinha* ou *resfriadinho*. Estas normalmente não carregam um sentido negativo, mas nesse caso reforçam o descaso do presidente com a pandemia. A partir dessa perspectiva,

²⁶ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/06/4932143-lista-de-e-mails-da-pfizer-ignorados-pelo-governo-aumenta-sao-101-tentativas.html>. Acesso em: 23 out. 2022.

quando ele posiciona a Covid-19 como uma doença que não exige preocupação da população, defender a economia se mostra o mais sensato a fazer.

Essa não foi a única ocasião em que o presidente caracterizou a Covid-19 como uma gripezinha. Quatro dias antes, em uma coletiva de imprensa, afirmou que “depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar, tá ok?”. Entretanto, em uma *live* em suas redes sociais, no dia 26 de novembro de 2020, Bolsonaro afirmou jamais ter se referido à doença dessa forma²⁷.

O uso das palavras no diminutivo carrega o efeito de desdém do presidente, minimizando o caos que chegava ao país e tirou a vida de 687 mil brasileiros. Ele, porém, responsabiliza outra pessoa pelo uso das palavras: o médico Drauzio Varella que, em um vídeo em janeiro de 2020, subestimou a Covid-19, afirmando que “de cada 100 pessoas que pegam o vírus, 80, 90 pessoas têm um ‘resfriadinho’ de nada”.

O presidente, porém, não cita o nome do médico, que corrigiu sua afirmação posteriormente, por conta de sua rixa com a Rede Globo, emissora alvo de críticas de Bolsonaro, sendo, muitas vezes, chamada de “Globo lixo” pelos seus apoiadores e até por ele, que chegou a erguer uma faixa ofendendo a emissora no aeroporto de Cascavel, no Paraná, em fevereiro de 2021²⁸. A recusa de falar o nome do médico e da emissora se justifica, também, pela dificuldade do líder de Estado de reconhecer a existência deles e, nessa situação, sua concordância com o médico da emissora reprovada por Bolsonaro.

Apesar de afirmar que dificilmente seria contaminado e que, caso fosse, os sintomas seriam leves, Bolsonaro foi contaminado pela doença em julho de 2020, quando relatou apresentar indisposição, mal-estar, cansaço e febre de 38 graus. Já em setembro de 2021, afirmou que provavelmente havia sido contaminado outras vezes pela doença e “nem ficou sabendo”, negando sua vacinação contra a doença.

SD10: **OMS admitindo** que assintomáticos não transmitem e agora descobrimos que **80% da população é imune porque o sistema imunológico consegue reagir ao Covid19 como se fosse um ‘resfriado comum’**. Que dia! (Fragmento da *fake news* publicada no Twitter no dia 21 de setembro de 2020 e desmentida pela Agência Lupa no dia 07 de outubro de 2020 – negritos nossos).

Em conformidade com o discurso da SD anterior, que trazia a Covid-19 como

²⁷ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acesso em: 18 out. 2022.

²⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1EvVA5nyDdY>. Acesso em: 23 out. 2022.

um “resfriadinho”, a SD10 tem início colocando na OMS a responsabilidade pelas falsas informações presentes no discurso, o que contribui para a falsa transmissão de credibilidade. Iniciar a afirmação com o verbo “admitir” traz, também, o sentido de que a OMS sabia ou desconfiava desse fato, mas não queria divulgá-lo para a população. De acordo com o Dicionário Michaelis, a palavra *admitir* significa aceitar, reconhecer. Nesse caso, o termo carrega a noção de que era uma informação que estava sendo ocultada, mas que foi, enfim, admitida.

O recorte poderia, facilmente, ter utilizado os verbos “informar”, “comunicar”, ou ainda “notificar”, mas o presidente optou pelo uso do verbo “admitir”, o que tem relação com o esquecimento número dois, como definido por Pêcheux, visto que o interlocutor escolheu comunicar essa falsa informação utilizando essa palavra, em vez de outras, por acreditar que é a única forma possível de o fazer, e isso se relaciona diretamente com a ideologia que o determina. Além disso, a SD apresenta a mesma despreocupação com a Covid-19 que o discurso do presidente - se os sintomas são os de um resfriado comum, não há motivos para preocupação ou histeria.

A Agência Lupa, ao desmentir a *fake news*, explicou que essa informação falsa teve origem na má interpretação da chefe do programa de emergências da OMS, que afirmou serem raras as transmissões de Covid-19 por pacientes assintomáticos. Além disso, ela demonstrou que não há nenhum dado ou pesquisa que confirme que 80% é imune ao vírus.

SD11: Fomos enganados?! **Organização Mundial da Saúde** alerta sobre **máscara ser desnecessária para pessoas saudáveis**. Por que estamos sendo obrigados a usar? (Fragmento da *fake news* publicada no Facebook e desmentida pela Agência Lupa no dia 7 de julho de 2020 – negritos nossos).

A SD11 traz um discurso similar às duas anteriores, relacionando o vigor físico à certeza da não infecção e à falta de necessidade de maiores preocupações com a Covid-19 e colocando a OMS como origem dessa informação. Iniciando com uma pergunta aos leitores da *fake news*, a SD induz à ideia de que as autoridades de saúde estavam enganando a população brasileira, impondo o uso de máscaras quando, na realidade, apenas as pessoas que não eram saudáveis deveriam usar o equipamento. O discurso presente na SD traz, novamente, o sentido de que a pandemia não era algo grave que atingiria a todos, ou seja, não era passível de medo ou histeria, banalizando o momento pandêmico.

Levando em consideração a total falta de dados ou respaldo para o que foi

transmitido nessa construção discursiva, a Agência Lupa desmentiu essa *fake news* com dados divulgados pela própria OMS, citada na SD, informando, ainda, que apenas o uso de máscaras sem os outros cuidados preventivos não era o suficiente para fornecer um nível de segurança adequado.

SD12: Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, **buscam a comprovação da eficácia da cloroquina no tratamento do Covid-19**. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre este remédio fabricado no Brasil e largamente utilizado no combate à malária, lúpus e artrite. (Fragmento do pronunciamento oficial de Jair Bolsonaro, proferido no dia 24 de março de 2020 – negritos nossos).

A SD12, que se trata de um trecho do pronunciamento do presidente, marca o início da batalha de Bolsonaro pelo uso da hidroxicloroquina no tratamento precoce da Covid-19²⁹. Apesar de o medicamento ser atestado como ineficaz contra a Covid-19, inclusive pela OMS, Bolsonaro persistiu na defesa da cloroquina. A partir disso, o governo instituiu, sob sua tutela, o uso do Kit Covid, que continha hidroxicloroquina, ivermectina, nitazoxanida, azitromicina e corticosteroides sistêmicos, que, segundo eles, combateria a doença de forma precoce e evitaria hospitalizações e mortes. Tudo isso ao mesmo tempo em que Bolsonaro continuava a descumprir as medidas de proteção, desdenhava da gravidade da pandemia e desencorajava a vacinação.

A *Food and Drugs Administration* (FDA), citada por Bolsonaro, revogou a autorização do uso emergencial da cloroquina nos EUA em junho. No mesmo mês, a Associação Médica Brasileira (AMB) defendeu a autonomia médica para receita da hidroxicloroquina. Entretanto, como diversos estudos comprovaram a ineficácia da cloroquina, a organização mudou seu posicionamento com relação à medicação³⁰, declarando que a cloroquina deveria ser banida nos casos de Covid-19. Vale lembrar que, mesmo com a comprovação da ineficácia, Bolsonaro nunca deixou de defender o uso da medicação, em que pese afirmarem que ele tomou a vacina.

SD13: China e FDA **aprovaram o uso da cloroquina como 100% eficiente na cura do Covid**. (Fragmento da *fake news* publicada no Twitter no dia 20 de agosto de 2020 e desmentida pela Agência Lupa no dia 1 de setembro de 2020 – negritos nossos).

²⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-defendeu-uso-de-cloroquina-em-23-discursos-oficiais-leia-as-frases-25025384>. Acesso em: 23 out. 2022.

³⁰ Disponível em: <https://amb.org.br/noticias/associacao-medica-brasileira-diz-que-uso-de-cloroquina-e-outros-remedios-sem-eficacia-contra-covid-19-deve-ser-banido/>. Acesso em: 23 out. 2022.

A SD13, que se trata de uma *fake news*, também defende o uso da cloroquina para tratamento da Covid-19, colocando a responsabilidade dessa defesa em outros, no caso a FDA e a China. Segundo o discurso, o medicamento foi comprovado eficaz para a cura da doença. Ou seja, diante do cenário da pandemia enfrentado pelo mundo, era um grande passo na direção do fim da pandemia, pois finalmente uma cura para a doença havia sido encontrada (o que, vale ressaltar, não era o caso).

Trazer a FDA e a China como responsáveis por essa confirmação transmite credibilidade aos leitores da *fake news*, visto que, em tese, a informação é advinda de fontes oficiais. É interessante pensar, porém, a escolha dessas duas fontes em específico, visto que o mundo inteiro estava em busca de uma cura para a doença.

Como vimos nas *fake news* anteriores, é muito comum que sua construção seja composta por informações distorcidas - meias verdades - e pelo uso de fontes que, apesar de não terem afirmado o que foi falado, existem.

Dessa forma, as notícias falsas se tornam verossímeis, relacionando-se à memória do outro. Provavelmente, as pessoas que se depararam com essas notícias já haviam se deparado com algum conteúdo falando sobre as pesquisas da FDA, ou sobre como a China estava atuando para conter a pandemia, que teve início em seu território.

Ao desmentir essa *fake news*, a Agência Lupa elucidou a trajetória da FDA com relação à cloroquina e à Covid-19, mostrando que, em 28 de março, a instituição autorizou o uso emergencial do remédio e, em 15 de junho, revogou essa autorização, após suas pesquisas indicarem que a cloroquina era ineficaz contra a Covid-19 e que provocava problemas cardíacos, ou seja, os benefícios do medicamento não eram maiores que as consequências.

A Lupa também lembrou não ser a primeira vez que desmentia *fake news* que afirmava a liberação da cloroquina pela FDA. Além disso, a equipe da agência entrou em contato com a embaixada da China, que disse não ser verdade a afirmação de que a China adotou a cloroquina como 100% eficiente na cura da Covid-19.

SD14: **OMS pede desculpa pelo erro** na controvérsia sobre hidroxicloroquina. **E agora Globolixo?** (Fragmento da *fake news* publicada no Facebook no dia 28 de agosto de 2020 e desmentida pela Agência Lupa no dia seguinte – negritos nossos).

Dando sequência à defesa da hidroxicloroquina para tratamento da Covid-19, a SD14 coloca na OMS a responsabilidade por um erro de julgamento com relação ao

medicamento. Ao usar o sintagma “pede desculpa”, nota-se a responsabilização da OMS pelo número de pessoas que ainda não eram tratadas com o medicamento. Ou seja, ao mesmo tempo em que a SD dá foco à informação falsa que queria transmitir, que a hidroxicloroquina seria eficiente contra a Covid-19, há uma culpabilização da OMS, que seria a responsável por acompanhar a situação da população mundial durante a pandemia e não o fez tendo o medicamento salvador à disposição.

Na sequência, há um ataque à Rede Globo, comum em diversas *fake news* que compõem esta pesquisa. O ataque também culpabiliza a emissora, dando a entender que não tinha interesse em transmitir as informações “verdadeiras” para a população. Isso se relaciona muito à histeria causada pela mídia, como cita Bolsonaro na SD1.

Como vimos na fundamentação teórica, nenhum discurso é origem de si, mas carrega discursos presentes na vida dos sujeitos. Podemos perceber, aqui, os ataques à mídia e à emissora como um discurso que não teve origem nem com a referida *fake news*, nem com Bolsonaro, mas propagava por ambos o mesmo sentido.

A Agência Lupa, portanto, a fim de desmentir as informações falsas presentes na *fake news* da qual a SD foi retirada, reforçou o posicionamento oficial da OMS, que não só não recomendou a hidroxicloroquina, como destacou os efeitos colaterais do medicamento, desencorajando o uso em casos de Covid-19.

SD15: Testes mostraram que **vacina chinesa** CoronaVac pode causar **10 tipos de câncer e pensamentos suicidas**. (Fragmento da *fake news* publicada no Facebook no dia 15 de dezembro de 2020 e desmentida pela Agência Lupa no mesmo dia – negritos nossos).

Sobre a vacinação contra a Covid-19, a SD15 ilustra a tentativa de desacreditar a vacina produzida pela farmacêutica chinesa Sinovac. A SD afirma, sem respaldo científico, que a vacina causaria dez tipos de câncer e pensamentos suicidas.

A *fake news*, publicada em dezembro de 2020, pouco antes do início da vacinação no Brasil, tira a confiabilidade na vacina, contribuindo com um discurso antivacina e negacionista. Além disso, a publicação no Facebook tinha uma fotografia de João Dória, governador de São Paulo, na época, e responsável pelo contrato que firmou a parceria entre o Instituto Butantan e a farmacêutica chinesa, possibilitando a produção da vacina em território brasileiro, além da transferência de 46 milhões de doses do imunizante para o Brasil³¹.

³¹ Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/governo-de-sp-assina-contrato-com-sinovac-para-o-fornecimento-de-46-milhoes-de-doses-da-coronavac>. Acesso em: 24 out. 2022.

Essa SD apresenta a mesma ideologia antivacina e anticiência presente nos discursos de Bolsonaro ao longo da pandemia. O presidente que, por diversas vezes afirmou que não tomaria a vacina contra Covid-19³², proferiu inúmeros ataques à vacina chinesa, tirando sua credibilidade. Foi sua postura com relação às vacinas e à pandemia que desestruturou seu relacionamento político com Dória.

O discurso irônico em relação à vacina chinesa fez parte da rotina de Bolsonaro em vários momentos³³, o que é perigoso para a população no momento de pandemia, quando a vacinação era uma necessidade extrema. Não podemos esquecer, neste caso, que combater a vacina era combater o comunismo, chavão sem sentido e que aborda o senso comum sobre o tema, mas atende aos interesses de capitalistas.

Essa vilanização da vacina chinesa teve impactos na imunização da população. Nos postos de saúde, quando a imunização da população teve início, houve diversos casos de indivíduos que se recusaram a tomar CoronaVac³⁴. A onda antivacina e negacionista também tirou a credibilidade das outras farmacêuticas, fazendo com que 75% dos municípios brasileiros registrassem casos de recusa à imunização, sem sequer considerar a marca da vacina³⁵.

A SD15, *fake news* que desestimula a vacinação partindo do princípio que se uma das vacinas prejudica a saúde as outras podem fazer o mesmo, foi desmentida pela Agência Lupa com a divulgação dos resultados dos testes clínicos da CoronaVac, tanto no Brasil quanto na China, trazendo, ainda, informações do Instituto Butantan.

SD16: **Acredito em Deus, que capacitará** cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura desta doença. **Aproveito para render as minhas homenagens a todos os profissionais de saúde. Médicos, enfermeiros, técnicos e colaboradores que, na linha de frente, nos recebem nos hospitais**, nos tratam e nos confortam. Sem pânico ou histeria, como venho falando desde o início, venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo neste novo Brasil, que tem tudo, sim, para ser uma grande Nação. Estamos juntos, cada vez mais unidos, **Deus abençoe nossa pátria querida**. (Fragmento do pronunciamento oficial de Jair Bolsonaro, proferido no dia 24 de março de 2020 - negritos nossos).

A SD16, última trazida para a pesquisa, trata da parte final do pronunciamento

³² Disponível em: <https://ictq.com.br/politica-farmaceutica/2398-eu-nao-vou-tomar-vacina-e-ponto-final-problema-meu-afirma-bolsonaro>. Acesso em: 24 out. 2022.

³³ Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/06/15/bolsonaro-ataca-coronavac-e-mente-que-nao-ha-comprovacao-cientifica.htm>. Acesso em: 24 out. 2022.

³⁴ Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/06/23/A-recusa-injustificada-da-Coronavac-nos-postos-de-vacina%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 24 out. 2022.

³⁵ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mais-de-75-dos-municipios-registram-casos-de-recusa-na-vacinacao-contracovid/>. Acesso em: 24. out. 2022.

de Bolsonaro. A sequência inicia com um discurso religioso, embora, pela Constituição Brasileira, o Brasil seja um Estado Laico, ou seja, teoricamente a religião não influencia ou interfere nos assuntos do Estado. Porém, antes de aprofundarmos a parte religiosa da SD, que também aparece no encerramento do pronunciamento, destacamos as “homenagens” de Bolsonaro aos profissionais da saúde, que atuaram na linha de frente contra a Covid-19.

O presidente, no final do pronunciamento, ao homenagear tais profissionais, diz que aproveita a ocasião para render as homenagens. O uso do verbo render, em detrimento de outros, como “prestar” ou “transmitir”, é uma forma de manifestação do esquecimento número dois. Para o locutor, o discurso só poderia ser produzido dessa forma, levando em conta a ideologia e a formação discursiva.

Esse termo, como o Dicionário Michaelis explica, produz o efeito de respeito, aceitação e solidariedade, mas também de ceder a algo ou alguém, submeter-se a uma situação indesejada, dar-se por vencido ou, ainda, tornar-se fraco.

O sentido da palavra no contexto depende, como a AD explica, do interlocutor, suas experiências e ideologia. É possível entender, então, que, por mais que o intuito no pronunciamento fosse homenagear os profissionais, como Bolsonaro afirmou, as suas atitudes ao longo da pandemia não foram condizentes com a homenagem proferida por ele, porque, pensando no interlocutor e suas experiências, ao negar a eficácia das vacinas, incentivar o uso de medicamentos sem comprovação e até a invasão de hospitais³⁶, ao zombar dos brasileiros afetados pela doença, imitando uma pessoa com falta de ar³⁷, e negar a eficácia das vacinas, Bolsonaro não só tirou a credibilidade dos profissionais da linha de frente, como colocou a vida dos brasileiros em perigo.

A SD16 é marcada por uma prática discursiva religiosa, que é utilizado por Bolsonaro desde que o político se tornou candidato à presidência da República, em 2018. Na ocasião, o slogan de sua campanha já era marcado pela mistura entre política e religião, o que não respeitava a laicidade do Estado.

“Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” era o slogan de sua campanha à

³⁶ Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/06/11/interna_politica,863124/bolsonaro-recomenda-invadir-hospitais-arranja-jeito-de-entrar-e-film.shtml. Acesso em: 24 out. 2022.

³⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/08/22/bolsonaro-imitou-paciente-com-falta-de-ar-durante-transmissoes-ao-vivo-na-internet-em-2021.ghtml>. Acesso em: 24 out. 2022.

presidência. Por meio dos conceitos de memória discursiva e de interdiscurso, que explicam como um discurso se relaciona a outros e cria novos significados, apontando em novas direções, é possível relacionar o slogan à campanha da Alemanha nazista, que, retirado de um hino nacionalista, era “*Deutschland über alles*” que, traduzido, significa “Alemanha acima de tudo”.

O acréscimo de “Deus acima de todos”, porém, atribui ao slogan nacionalista uma mudança de sentidos. Afinal, nesse caso, não é apenas o país que é colocado em papel soberano, de superioridade, mas também a religião na qual Bolsonaro acredita, relacionando o nacionalismo e a religiosidade. Por outro viés, a veiculação da figura religiosa na campanha bolsonarista pode ser pensada, também, por uma necessidade de suavizar as falas e atitudes do político.

Além disso, o slogan traz a compreensão de que o Brasil é superior a tudo e a todas as coisas e que o Deus em que Bolsonaro crê está acima de toda a humanidade. Isso, talvez justifique por que Bolsonaro, no início da SD, expressa a crença que “Deus capacitará cientistas e pesquisadores” e condiciona a capacidade dos profissionais da ciência à crença do presidente, o que parece contraditório ao analisarmos como Bolsonaro agiu com esses profissionais e com a área da Saúde durante a pandemia.

Antes de finalizar seu pronunciamento com mais uma fala religiosa, Bolsonaro reitera a necessidade vista por ele de combater o pânico e a histeria que, conforme a SD1, estavam sendo disseminados pela mídia.

Após isso, então, encerra o pronunciamento, pedindo a Deus que abençoe a pátria querida, retomando o discurso religioso e já dando indícios do discurso que veio a fundamentar sua campanha à reeleição para a presidência da República, cujo slogan é “Deus, pátria e família”, mesmo que durante a pandemia milhares de famílias tenham perdido seus entes queridos, enquanto o presidente apresentava uma postura completamente inadequada ao seu papel de chefe de Estado; mesmo que, no último ano de seu primeiro mandato como presidente da República, o Brasil registre três queixas de intolerância religiosa por dia; mesmo que os símbolos nacionais tenham sido apropriados para fins políticos, contra tudo o que representam.

Ao analisar o discurso presente no pronunciamento, relacionando-o às *fake news* selecionadas para o *corpus* da presente pesquisa, nota-se que as atitudes e ideologia presente na forma como Bolsonaro se manifestou, tanto no pronunciamento quanto no decorrer da pandemia, se associam às *fake news* analisadas, as quais a Agência Lupa desmentiu por meio do trabalho de checagem de fatos. Sobretudo, o

discurso joga com o equívoco, fazendo parecer que a saúde é valorizada, quando, no limite, há um desmerecimento dela, assim como da imprensa, e um supervalorização da economia, que atende aos interesses de financiadores de campanha.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da presente pesquisa era analisar o discurso presente no terceiro pronunciamento oficial de Bolsonaro durante a pandemia da Covid-19, relacionando-o aos discursos presentes em *fake news* do período, desmentidas pela Agência Lupa, e discutindo, também, a relevância dessa agência de checagem de fatos.

Dessa forma, tomamos como *corpus* da pesquisa o pronunciamento na íntegra, bem como dez *fake news* desmentidas pela Lupa, a partir da busca das palavras-chave ‘gripezinha’, ‘pandemia’, ‘Bolsonaro’, ‘Covid-19’, ‘cloroquina’ e ‘vacina’, de março, mês do pronunciamento, a dezembro de 2020.

Como a pesquisa por palavras chave nos levou a 639 publicações no *site* da Agência, devidamente catalogadas, selecionamos uma *fake news* desmentida a cada mês, com base em sua ligação com as SDs analisadas e sua propagação.

As análises efetuadas permitiram observar como a ideologia presente em diferentes discursos os relaciona, a partir dos efeitos de sentido do pronunciamento de Bolsonaro e das *fake news* analisadas, que apresentam em comum ataques à imprensa e, mais diretamente, à Rede Globo, um caráter negacionista da ciência, repúdio à vacinação e a supervalorização da economia em detrimento da vida dos brasileiros, além da banalização da pandemia, em muitos casos.

Partindo do princípio que um discurso se origina de outros, que as crenças e a ideologia se fazem presentes nele, e pensando que o sujeito não controla o dizer, visto que os sentidos não surgem nele, podemos compreender como o pronunciamento de Bolsonaro e os discursos das notícias falsas estão relacionados, por apresentarem discursos semelhantes: quase idênticos.

Por meio da análise do discurso de Bolsonaro, pode-se concluir, também, que a postura do chefe de Estado perante a pandemia influenciou não apenas a criação e disseminação de *fake news*, visto que muitos discursos presentes nesses conteúdos desmentidos pela Agência Lupa se relacionam ou propagam os sentidos presentes no pronunciamento de Bolsonaro, mas também a postura da população brasileira no momento de pandemia, desestimulando o cumprimento das normas de segurança

para prevenção e/ou tratamento da doença, a vacinação e, em muitos momentos, desdenhando das pessoas afetadas pela doença.

Quanto à relevância social da Agência Lupa, a qual nos propusemos a discutir, ressaltamos que a agência fatos fez mais, durante a pandemia, do que desmentir *fake news*. Entretanto, por conta da proposta da pesquisa e do tempo disponível para desenvolvê-la, não foi possível analisar esses materiais, que envolviam *podcasts*, *newsletters*, reportagens e um trabalho intensivo nas redes sociais.

Falando, então, da checagem de *fake news*, que foi o foco do presente trabalho no tocante à Agência Lupa, a atuação da plataforma foi assertiva e necessária. Seu trabalho de checagem ocorreu de forma clara, possibilitando uma leitura dinâmica para entender quais informações eram verdadeiras e quais não eram.

Por meio de trabalho jornalístico, buscando fontes oficiais e, ainda, a origem das informações falsas, a Agência Lupa foi capaz de desenvolver um trabalho amplo e ético, cumprindo com o papel jornalístico de levar informações verdadeiras para a população. Vale ressaltar que, especialmente num momento de pandemia, onde a saúde das pessoas dependia, também, da informação, o trabalho de checagem de fatos contribuiu para o cuidado com a vida.

REFERÊNCIAS

BARCELOS, Thainá do Nascimento *et al.* Análise de fake news veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. **Revista Panamericana de Saúde Pública**, v. 45, n. 65, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/rpsp/2021.v45/e65/pt/>. Acesso em: 21 set. 2022.

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho; CARVALHO, Sônia Maria dos Santos. Democracia e ética em tempos de fake news: o tuiteiro-presidente Jair Bolsonaro e as consequências para a socialização da informação no País. **Revista de Estudos Universitários - REU**, [S. l.], v. 45, n. 1, p. 129-144, 2019.. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/reu/article/view/3604>. Acesso em: 29 abr. 2022.

BRANDÃO, Helena Nagamine. Analisando o discurso. In: Ataliba Teixeira de Castilho. (Org.). **Portal da Língua Portuguesa**. São Paulo: Fundação Roberto Marinho, 2006.

BRANDÃO, Helena Nagamine. Introdução à Análise de Discurso. Campinas: Unicamp, 2006.

CAMPBELL, Karlyn Kohrs; JAMIESON, Kathleen Hall. **Deeds Done in Words: Presidential Rhetoric and the Genres of Governance**. Chicago, IL: Chicago University Press, 2018.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo**: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus, 1994.

COURTINE, Jean-Jacques. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise de Discurso. **Policromias**, Rio de Janeiro, V. 01, n. 01, jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/4090>. Acesso em: 18 set. 2022.

DELA-SILVA, Silmara Cristina. Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: o discurso sobre a televisão na imprensa brasileira. **Seminário de Estudos em Análise de Discurso**. Anais do IV SEAD - Porto Alegre - 10 a 13/11/2009. Disponível em: https://www.discursousead.com.br/files/ugd/27fcd2_4612cba02d7f42d0807696f2d5007776.pdf. Acesso em: 1 set. 2022.

DEZERTO, Felipe Barbosa. Sujeito e sentido: uma reflexão teórica. **Icarahy**, Fluminense, n. 4, 2010. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12644403/sujeito-e-sentido-revista-icarahy-uff>. Acesso em: 7 set. 2022.

FAUSTINO, André. **Fake news: a liberdade de expressão nas redes sociais na sociedade da informação**. São Paulo: Lura Editorial, 2019.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Análise de Discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**, Porto Alegre, v. 24, n. 48, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28636>. Acesso em: 7 set. 2022.

FONTANA, Mônica Graciela Zoppi. Althusser e Pêcheux: um encontro paradoxal. **Revista Conexão Letras**, [S. l.], v. 9, n. 12, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaolettras/article/view/55118>. Acesso em: 18 set. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

GOMES, Sheila Freitas; PENNA, Juliana Coelho Braga de Oliveira; ARROIO, Agnaldo. Fake news Científicas: Percepção, Persuasão e Letramento. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 26, e20018, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/bW5YKH7YdQ5yZwkJY5LjTts/?lang=pt>. Acesso em: 19 set. 2022.

LEAL, Maiara Raquel C. Redes Sociais, Discursos e Fake news: as peculiaridades da ascensão de Jair Bolsonaro à Presidência da República nas eleições de 2018 no Brasil. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Anais do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Goiânia - GO – 22 a 24/05/2019, p. 1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2019/resumos/R66-0524-1.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2022.

MADUREIRA, André Luiz Gaspari. O Sujeito em uma Teoria Não-subjetiva da Subjetividade. **Revista Virtua**, v. 1, p. 1-13, 2009.

OPAS. Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a Covid-19. **Ferramentas de conhecimento**, 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni. P. Orlandi. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni. P. Orlandi, Lourenço C. J. Filho, Manoel L. G. Corrêa e Silvana M. Serrani. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PENA, Felipe. Teoria do Jornalismo. São Paulo: **Editora Contexto**, 2005.

RUIZ, Marco Antonio Almeida; SOUSA, Lucília Maria Abrahão e. Memória e(m) discurso na pandemia de Covid-19: o acontecimento do vírus e a arte em rede. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 63, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8664096/27605>. Acesso em: 19 set. 2022.

SILVA, Cris Guimarães Cirino da. **O bolsonarismo da esfera pública**: uma análise foucaultiana sobre os conceitos de pós-verdade, fake news e discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro. Dissertação (Mestrado em Letras), Manaus, Universidade Federal do Amazonas, 2020.

SPINELLI, Egle Müller; SANTOS, Jéssica de Almeida. Jornalismo na era da pós-verdade: fact-checking como ferramenta de combate às fake news. **Revista Observatório**, v. 4, n. 3, p. 759-782, 29 abr. 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/issue/view/227>. Acesso em: 19 set. 2022.